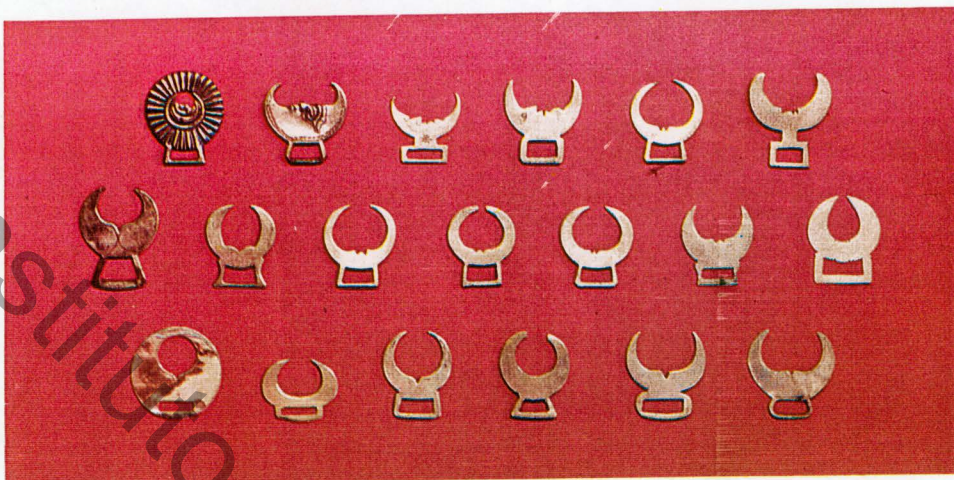


MUSEU DE CASA

revista Arte Vogue Brasil nº 1 - maio 1977

reportagem sobre coleções escrita por Willys



Já chamaram de vício impune ou brincadeira de gente grande o ato de colecionar, apesar de que, desde o início, mais ou menos seriamente, tenha feito mais virtuosos do que pecadores. Hoje, está praticamente superada a noção de que colecionar se trata de um passatempo amadorístico. É sabido que fatores econômicos, culturais e sociais tomam parte no jogo.

No ato de juntar, simplesmente, há um grande impulso inerente à natureza prática ou fetichista do homem. Seja qual for a razão, durante toda a sua vida ele reúne coisas, ajunta, coleciona. Forma-se colecionador por opção e prazer, porém, muito raramente por sacrifício e necessidade.

O bem cuidado álbum de figurinhas de ontem poderia muito bem estar estimulando hoje a aquisição de gravuras pelo comprador de pinturas de amanhã. A lembrança de inefáveis brinquedos do passado poderia ser a senda do colecionador de múltiplos para se chegar a ser um entusiasta da escultura. Em ambos os casos, poderia até estar incluído um futuro "comprador" de arte conceitual, essa modalidade de expressão radical, evanescente no espaço e no tempo, que, por não produzir como resultante documentos diretos, se torna quase anticoleção. Quantitativamente, quadros ou esculturas, gravuras ou múltiplos, figurinhas ou brinquedos antigos, constituem uma parcela mínima dos vários itens passíveis de se colecionar. Entretanto, sem desprezá-la categoricamente, precisamente na variedade restante temos nossa faixa de maior interesse.

O escopo desta série de artigos é mostrar — principalmente pela ilustração produzida com uma ótica de designer fotografada dentro de um campo uniforme ou neutro — o objeto colecionável inter-relacionado com seus similares. Programamos a sua produção no sentido de evitar tomadas de objetos sobre mesas, dentro de vitrinas, em nichos, entre folhagens ou mergulhados em cenários montados, para que essa importante parte decorativa, que foge ao alcance destas linhas, ficasse por conta da fantasia do leitor interessado.

Hoje, quem realmente sabe colecionar sabe dispor seus objetos de coleção, dando-lhes o ambiente, a iluminação correta, o espaço orgânico e a proteção adequada que eles demandam. Os livros e revistas de decoração e arquitetura de

todo mundo, há anos, têm tratado exaustivamente do tema, mostrando e analisando a apresentação de coleções existentes ou sugerindo novas idéias, baseadas na moderna museografia.

Ao arremetarmos as peças, evitamos estabelecer conjuntos só pelo fato de serem feitos do mesmo material. Desconfiamos dos critérios niveladores que sempre encobrem a criatividade. Achamos mais natural e explícito enfatizar os temas, ou melhor, as formas que os diversos materiais, em diferentes épocas, receberam das mãos de seus criadores, tendo em mira a destinação e a finalidade da obra. Em última análise, quase sempre a monótona proposição dessas coleções acaba reduzindo sumariamente a sua significação a uma mera reserva de material. Material que, quando precioso, torna-se somente valioso intrinsecamente. Por outro lado, desprezar todos esses depósitos regidos por tal modo simplista de classificação, faria com que, ao continuar nosso trabalho, estivéssemos perdendo peças interessantes à nossa demonstração. Assim, dessas coleções peculiares, apesar de tudo, recebemos a colaboração de peças insubstituíveis. Teremos, evidentemente, alguns casos à exceção quando o material especificamente rege a forma e a função do objeto, o conteúdo e/ou o suporte da obra. Portanto, vasos de vidro art nouveau só podem ser de vidro ou jóias de ouro Pré-Colombianas só podem ser de ouro, embora existam vasos art nouveau ou jóias Pré-Colombianas, feitos de outros materiais etc. Em conclusão, eis o porquê de nossa escolha da mais nobre alternativa, a do autor ou fator da obra que usou o material só como apoio de seu projeto.

Na impossibilidade de trazer para esta página tudo com que se faz hoje uma coleção, reservamos o direito de opção dentro de um emaranhado de possibilidades. O que aqui aparece e/ou aparecerá foi deliberadamente escolhido quase sempre entre diversas coleções particulares com o fito de se conseguir uma desejada harmonia entre as partes. Por último, mas não por menos, queremos frisar que não pretendemos com nossas ilustrações, de maneira alguma, estar esgotando o assunto, nem encerrando-o com a última palavra. Sabemos muito bem que estaria sempre faltando, é certo, algum objeto que viria melhorar nossa escolha. W de C



Medalhões decorativos, dentro do tema de rosto humano. Alturas de 21,2 a 41,7 cm. Da coleção de Maria Helena e Waldemar Claro e de várias coleções particulares, São Paulo. A partir do canto superior esquerdo, em sentido horário: os itens 1.º e 5.º, Piero Fornasetti, porcelana estampada a fogo, 1956; o 2.º e 4.º, Alphonse Mucha, chapa metálica litografada, c.1900; o 3.º, Di Cavalcanti, esmalte sobre terracota, 1955; o 6.º e o 7.º, Vincenzo Gémito, bronze montado sobre madeira, c.1880; e no centro, Anônimo francês, ferro fundido e envernizado a bronze, c.1900.

Pequenas escultura, dentro do tema de busto feminino. Alturas de 9,8 a 25,6 cm. Da coleção de Mônica Filgueiras de Almeida, de Nelson Storto e de várias coleções particulares, São Paulo. De cima para baixo, da esquerda para a direita: E. Bernoud, bronze dourado e patinado, marfim e mármore, c.1880; Friedrich Goldscheider, alabastro branco e cinzento, c.1910; Anônimo italiano, alabastro branco, c.1900; François Alphonse Piquemal, bronze dourado patinado, marfim e pedradura, c.1870; Vincenzo Gémito, bronze patinado, c.1880; Giulio Starace, bronze patinado, c.1900; Georg Schreiner, peltro patinado e alabastro, c.1900; Anônimo francês, bronze polido, c.1900; Giusto Vitti, alabastro, c.1920; e Vincenzo Gémito, bronze patinado, c.1880.

instituto de arte contemporanea



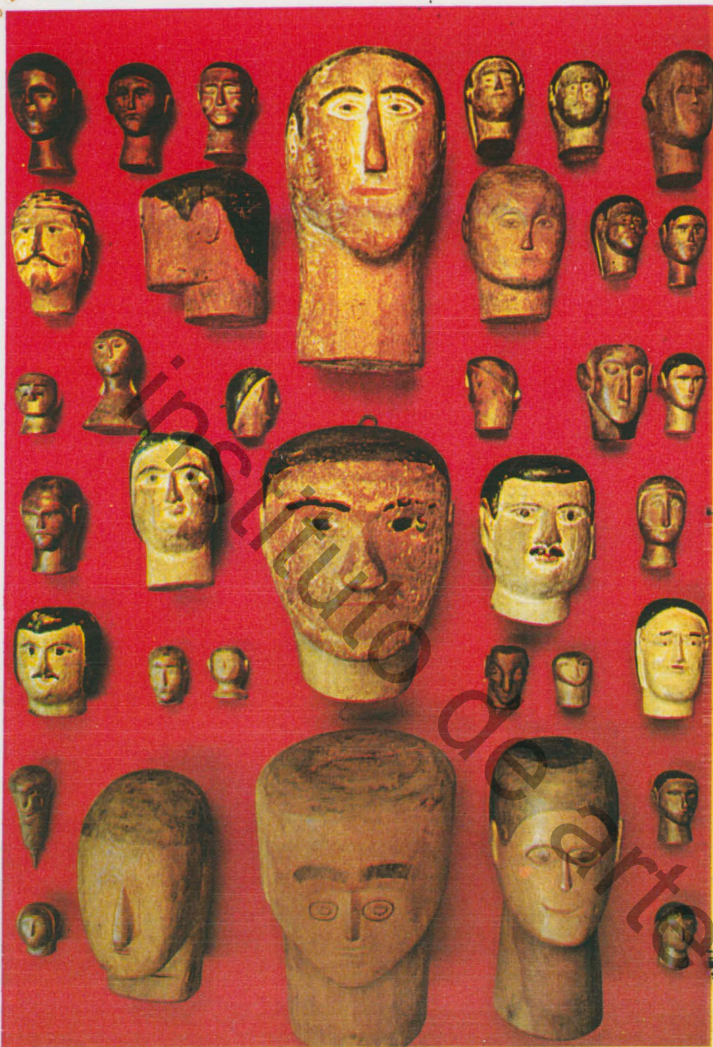


"Luas", amuletos que os cavalos levavam à frente presos à testeira, com a finalidade de afugentar — acreditavam seus cavaleiros — os maus espíritos de seus caminhos. Encontrados em Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso. Do início do século 19 até c. 1900. Em prata de diversos títulos. Alturas de 3,7 a 5,4 cm. Coleção particular, São Paulo.

Altars-miniatura, para o culto doméstico. Encontrados em diversas regiões. Alturas de 9,6 a 37,0 cm. De várias coleções particulares, São Paulo. A partir do canto superior esquerdo, em sentido horário: Crucifixo, Nossa Senhora e Símbolos da Paixão, região de Ouro Preto, MG, fim do séc. 19, em cera, arame, madeira, algodão, caramujos, flores de papel encerado, capim, brocal, lantejoulas, folhas de ouro, cetim de algodão, passamanarias diversas e bordado a fio de ouro, em caixa de papier-maché e vidro; Senhor Santo Christo dos Milagres, de Cintra, Portugal, fim do séc. 19, gravura de época, com flores de folha metálica envernizada de várias cores, veludo, renda, passamanarias diversas, em caixa de madeira e vidro; Nossa Senhora e Divino Espírito Santo, de Itu, SP, início do séc. 20, em gesso, madeira, papelão, flores de pano, strass e brocal, em caixa de madeira e chapa de metal recortada e pintada e vidro; Divino Espírito Santo, de Campinas, SP, início do séc. 20, medalha de alumínio com flores de pano e de folha metálica, em caixa de papier-maché e vidro; Menino Jesus, de Barbacena, MG, meados do séc. 19, em terracota policromada, com flores de fio prateado, de pano e papel encerados, filó de seda com lantejoulas, folha de ouro, em caixa de papier-maché e vidro; Divino Espírito Santo, de Santa Isabel, SP, fim do séc. 19, em madeira, com flores de fio prateado e pano encerado, em caixa de papelão revestida de pano pintado e vidro; Divino Espírito Santo, de Santa Isabel, SP, fim do séc. 19, em madeira pintada, com flores de fio prateado e pano, em caixa de papier-maché e vidro; Divino Espírito Santo, de Cunha, SP, fim do séc. 19, em madeira pintada, com flores de fio prateado, de pano e papel encerados, em caixa de papier-maché e vidro; Santo Antonio, de Moji das Cruzes, SP, meados do séc. 19, em terracota policromada, com folha de ouro, flores de fio prateado, de pano e papel encerados, em caixa de papier-maché e vidro; e Divino Espírito Santo, de Cunha, SP, fim do séc. 19, em madeira pintada, com flores de fio prateado, de pano e papel encerados, em caixa de papier-maché e vidro.

Imagens religiosas brasileiras, de culto doméstico, reunidas sob o tema de Nossa Senhora. Encontradas em diversos Estados brasileiros. Alturas de 21,2 a 56,5 cm, com coroa e base. Da coleção de May Suplicy e de várias coleções particulares, São Paulo. De cima para baixo, da esquerda para a direita: os itens 1.º e 6.º encontrados em Goiás, madeira policromada e coroa de prata lavrada e burilada, início do séc. 19; o 2.º, no Maranhão, madeira policromada e coroa de prata repuxada, início do séc. 19; o 3.º, em São Paulo, terracota policromada e coroa de chapa recortada de prata, início do séc. 18; o 4.º, no Ceará, madeira policromada e coroa de prata repuxada, início do séc. 19; o 5.º, em Minas Gerais, madeira policromada e coroa de prata lavrada, meados do séc. 18; o 7.º, em Minas Gerais, madeira policromada, fim do séc. 18; o 8.º, em Pernambuco, madeira policromada e coroa de prata repuxada, fim do séc. 16; o 9.º, em São Paulo, madeira policromada e coroa de prata recortada, início do séc. 19; e o 10.º, em São Paulo, terracota policromada, fim do séc. 16.



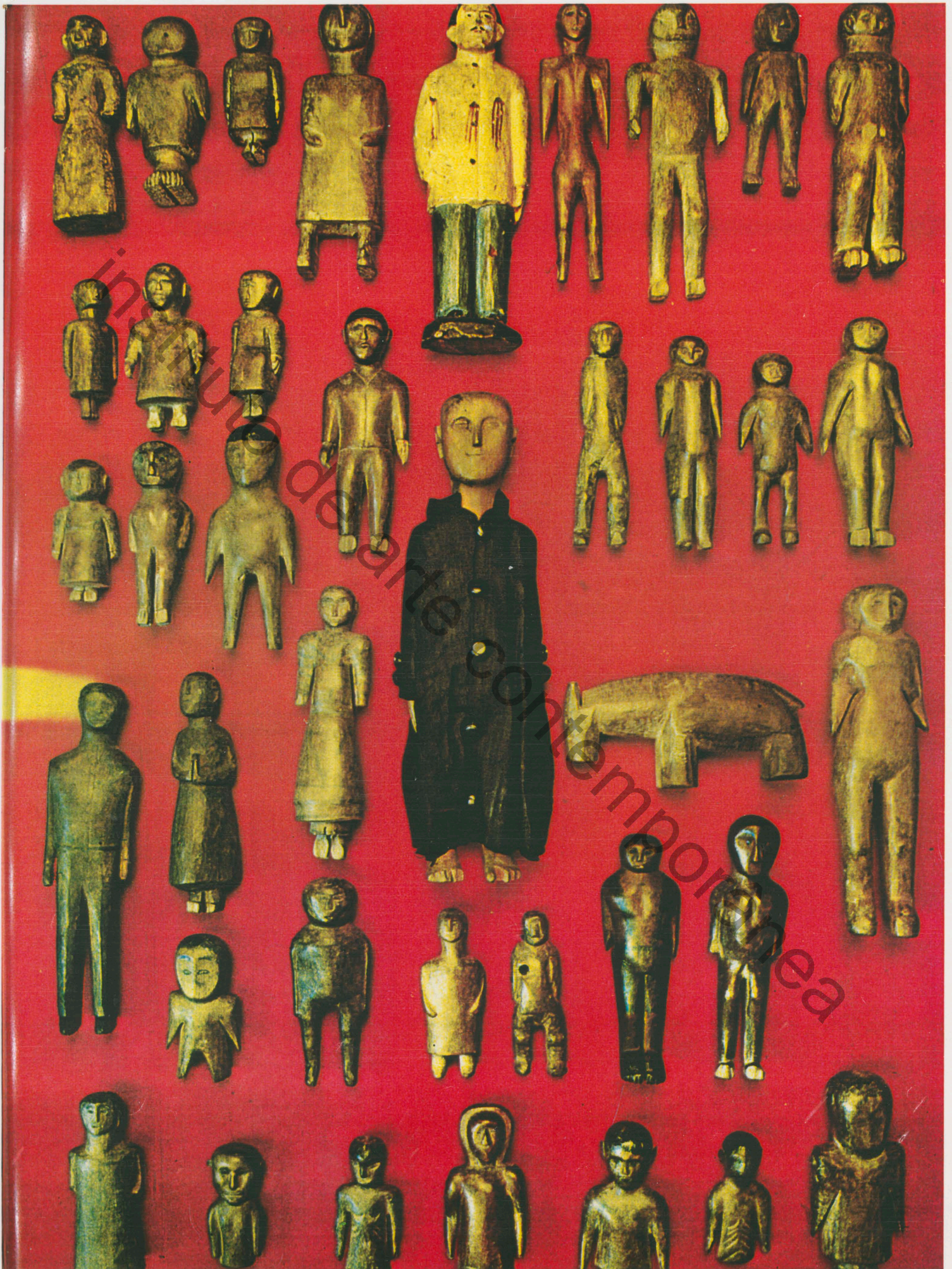


Ex-votos esculpidos destinados ao pagamento de promessa e reconhecimento de graça alcançada pelo fiel. Encontrados principalmente no interior dos Estados do Nordeste brasileiro, da Bahia e Norte de Minas Gerais. Do início do século até c.1940. De várias coleções particulares, São Paulo.

Cabeças, madeira nua ou pintada, alturas de 4,5 a 24,2 cm.

Figuras, torsos e animal, madeira nua ou pintada, pano e botão, alturas de 7,6 a 30,5 cm.

Pés, mãos, pernas, braços e corações, madeira nua ou envernizada, alturas de 5,3 a 47,3 cm.





Máscaras africanas. De meados do séc. 19 ao início do séc. 20. Alturas de 15,6 a 39,4 cm. De várias coleções particulares, São Paulo. A partir do canto superior esquerdo, em sentido horário: N'Guerê, Costa do Marfim, em madeira, aniagem, pano, crina, arame, pregos, cauri, aglutinante orgânico e pátina original; Marká, República do Málí, em madeira trabalhada a fogo, chapa latonada, cravos, pregos, fios de algodão tingidos e pátina original; Baulê, Costa do Marfim, em madeira parcialmente policromada e pátina original; Betê, Costa do Marfim, em madeira e pátina original; Dan, Costa do Marfim, madeira e pátina original; Senufô, Costa do Marfim, em madeira e pátina original; Dogon, República do Málí, em madeira, pintura a caolím, cravo de ferro e pátina original e Dan, Costa do Marfim, em madeira e pátina original.

Estátuas africanas de ancestral. De meados ao fim do séc. 19. Alturas de 39,1 a 53,6 cm. De várias coleções particulares, São Paulo. Da esquerda para a direita: Dogon, República do Málí, em madeira, com adereços de caramujos, cauri, fio de algodão e pátina original; Dogon, República do Málí, em madeira; Lobí, Costa do Marfim, madei-

ra com pátina sacrificial original; e Baulê, Costa do Marfim, em madeira, fio de algodão e pátina terrosa marrom-avermelhada original.

Pequenas esculturas africanas de várias origens e destinadas a diferentes finalidades votivas. De meados do séc. 19 ao início do séc. 20. Alturas de 14,5 a 35,0 cm. De várias coleções particulares, São Paulo. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: do 1.º item ao 3.º e do 5.º ao 9.º, "ibejis", estátuas de gêmeos Iorubá, Nigéria, madeira patinada com terra, índigo e adereços de conta, pano, miçanga, arame, cauri e fio de algodão; o 4.º e o 17.º são "akud-bas", bonecas de fertilidade Ashânti, Ghana, madeira patinada e adereços de miçanga e fio de algodão; o 10.º e o 11.º são também bonecas de fertilidade, porém dos Fânti, Ghana, madeira e adereços de miçanga e fio de algodão; o 12.º é uma escultura votiva dos BaTe-kê, Congo, madeira; o 13.º é uma estátua "chamachuva", dos Dogon, República do Málí, madeira patina; do 14.º ao 16.º são estátuas votivas Baulê, Costa do Marfim, madeira patinada e pintada; o 18.º é uma estátua porta-substância mágica BaYaká, Zaire, madeira com traços de resíduo ceroso; e o 19.º e o 20.º são bonecos Mossi, Alto Volta, madeira patinada





Bules caipiras produzidos por fábricas e artesãos paulistas, desde o início do século. Encontráveis por todo o país. Alturas de 15,0 a 24,0 cm. De várias coleções particulares, São Paulo. Da esquerda para direita, de cima para baixo: o 1.º item e o 7.º, EB (Emídio Bradaschia), Batatais, SP, c.1945, níquel e latão polidos; o 5.º, artesão desconhecido, Ribeirão Preto, SP, c. 1945, ferro oxidado e latão polido, estanhado internamente; o 3.º e o 8.º são da década 1950 e os restantes anteriores a 1930, todos de ferro esmaltado (ferro-ágata) externa e internamente.



Garrafas populares, de forma figurativa, para acondicionamento de licores comerciais. Alturas 16,7 a 38,2 cm. Da coleção de Vanda Maria e Walter de Castro, São Paulo. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: do 1.º item ao 3.º, o 7.º e o 10.º, vidro comum, nacional, de c.1930 até hoje; o 4.º e o 6.º, vidro leitoso, espanhol, c.1930; o 5.º, vidro comum, peruano, c.1950; e o 8.º e o 9.º, meio cristal fundido, português, c.1910.

Frascos de cristal para perfume comercial. Alturas de 5,6 a 18,2 cm. Da coleção de Nelson Storto, de Mônica Filgueiras de Almeida e de várias coleções particulares, São Paulo. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: 1.º item ao 9.º, René Lalique, França, de c.1920 até hoje; do 10.º ao 12.º, D'Orsay, França, c.1950; o 16.º e o 17.º, Baccarat, França, c.1930; o 19.º; Gueriolas, França, c.1920; o 20.º, anônimo norte-americano, c.1950, e todos os outros restantes são franceses, de c.1900 até c.1950.

OBRIGADO
DELA
COLABORAÇÃO
willeys

instituto de arte contemporânea





Cartões postais. Fotografias — em preto-branco ou coloridas a mão — das atrizes e vedetes do fim-de-século parisiense. Formato de 9,0 x 14,0 cm aproximadamente. De várias coleções particulares, São Paulo. Fotos de Lina Cavalieri, Belle Otero, Cécile Sorel, Lucy Gérard, Anna Held, Paulette

Darthy, Tosca Montès, Annie Heath, Raymonde Dauphin, Pépé e outras, do Théâtre Marigny, Folies-Bergères, Casino de Paris, Moulin-Rouge, Olympia, Théâtre du Châtelet etc., tomadas por Nadar, Walery, Stebbing, Reutlinger, Saul Boyer e outros.